

TRAUMA EM PELVE ASSOCIADO À MEGACÓLON: RELATO DE CASO

Maria Vitória Azevedo Silva^{1*}, Maria Júlia Conrado², Lívia Máximo Goulart de Souza², Letícia Monteiro Barbosa³, Laura Moreira Bastos⁴, Adriano de Abreu Cortez⁵, Paulo Vinícius Tertuliano Marinho⁶

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG– Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: azevedomariavitoriasilva@gmail.com

²Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG– Belo Horizonte/MG – Brasil

³Residente em Exame de Imagem - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG– Belo Horizonte/MG – Brasil

⁴Residente em Clínica de Pequenos Animais - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG– Belo Horizonte/MG – Brasil

⁵Discente no Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG– Belo Horizonte – Brasil

⁶Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

A principal causa de fraturas na região pélvica costuma ser trauma resultante de acidentes automobilísticos.¹ Essas fraturas pélvicas representam casuística na rotina veterinária e podem requerer tratamento conservador ou cirúrgico, pois muitas vezes esse tipo de trauma é acompanhado de lesões em estruturas críticas, como no intestino delgado e grosso. Em um estudo realizado em gatos, constatou-se que quando ocorre um estreitamento significativo do canal pélvico, o desenvolvimento secundário de um megacólon é frequente². Embora os ossos da cintura pélvica sejam bem protegidos pelos músculos, fraturas nessa região são frequentes, representando cerca de 20 a 25% de todas as fraturas observadas em pequenos animais³. As complicações que surgem em decorrência de fraturas na pelve geralmente se devem à falta de redução e fixação adequada dessas fraturas, o que pode levar a problemas de obstipação e constipação crônica⁴. No caso das fraturas, a velocidade da força exercida determina o número de fragmentos e a lesão nos tecidos moles próximos⁵. Danos ao tecido colônico podem ser irreversíveis, portanto, é fundamental prevenir e tratar essas condições o mais rápido possível. Diferentes intervenções terapêuticas estão disponíveis, e a escolha depende da gravidade da estenose pélvica, quais os ossos que estão afetados, o tipo de fratura e o tempo desde a lesão². Os pacientes que chegam com essa situação e apresentam constipação por menos de seis meses são candidatos à cirurgia de ampliação do canal pélvico. Animais tratados cirurgicamente tendem a ter um prognóstico favorável, com baixo risco de complicações pós-operatórias⁵.

O propósito deste relato é apresentar o caso de um cão de 5 anos de idade que foi resgatado após ser atropelado. O animal apresentava histórico de dificuldades para defecar desde o acidente automobilístico ocorrido há um mês. Além disso, serão abordadas as intervenções apropriadas que devem ser consideradas para tratar a lesão pélvica subsequente que pode levar ao desenvolvimento de megacólon.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

Um cão sem raça definida (SRD), de 5 anos de idade, foi admitido no Hospital Veterinário da Escola de Veterinária da UFMG com um histórico de atropelamento ocorrido há um mês. Desde o acidente, o animal tem apresentado dificuldades para evacuar. Além disso, o responsável pelo animal mencionou que o cão tem apresentado uma inclinação no quadril desde o resgate. Para ajudar o cão, o responsável administrava enemas e já ofereceu óleo de ricino, o que resultou em evacuações esporádicas. Durante a anamnese, o cão demonstrou desconforto à palpação (abdômen rígido) e foi observado um grau de desidratação, levando à administração de soro subcutâneo como parte do tratamento de suporte para essa condição.

A partir dos sinais clínicos apresentados e histórico do animal, foi necessário o pedido de realização de exames de análise sanguínea, para identificar a situação fisiológica do animal frente aos distúrbios sofridos e raio-x da pelve, tendo em vista que o exame radiográfico será capaz de detectar o trauma ósseo e identificar possíveis alterações da arquitetura do osso afetado⁸.

O animal apresentou algumas alterações significantes no exame de sangue, como a diminuição dos glóbulos vermelhos (anemia), aumento dos leucócitos (leucocitose) e trombocitopenia confirmada em lâmina. No exame de raio-x, foi possível perceber uma distensão considerável dos cólons devido ao conteúdo heterogêneo, consistindo em gás e fezes, medindo aproximadamente 7,76 cm na área de maior diâmetro, localizada no cólon descendente (Figura 1). Além disso, foi evidenciada uma diminuição do diâmetro intestinal para cerca de 2,47 cm no reto, que estava preenchido com ar radiopaco e uma discreta quantidade de material radiopaco heterogêneo, que por sua vez também incluía gás e

fezes (Figura 1). Com base nessas observações, foi possível concluir que o diagnóstico da condição relatada pelo tutor do animal (dificuldade em evacuar) está relacionado a um quadro de megacólon. Esse termo é utilizado para referenciar um aumento persistente do diâmetro do intestino grosso e a hipomotilidade associada com constipação ou obstipação grave². Pode ser de origem idiopática, congênita, por neoformações que podem obstruir a saída ou até mesmo o adquirido, como por exemplo casos de fratura em coluna ou coxal⁸.



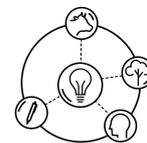
Figura 1: Raio-x na posição látero-lateral esquerda

Na posição ventro-dorsal do raio-x foram observados descontinuidade e desalinhamento entre a asa e o corpo ilíacos direitos, acompanhados de proliferação óssea adjacente. Além disso, houve deslocamento medial do corpo ilíaco, bem como do acetábulo, da cabeça femoral direita e do corpo do ísquio direito. Foi também identificado um fragmento ósseo em forma de lasca proveniente do corpo isquiático, resultando na compressão de estruturas na região do canal pélvico (Figura 2). Também foi identificada uma falta de continuidade óssea na região proximal do ílio e ísquio, acompanhada por um deslocamento caudal do osso, visualizada na projeção látero-lateral.



Figura 2: Raio-x na posição ventro-dorsal, sendo possível a visualização da lesão da pelve direita.

O tutor foi informado sobre a gravidade do caso e o estado crítico que o animal se encontra, com alterações sanguíneas compatíveis com hemoparasitoses e necessidade de intervenção cirúrgica para a correção do megacólon e posterior intervenção cirúrgica para correção da lesão



XII Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

ortopédica. No entanto, o tutor relatou que apresenta restrição de custos e se manteve relutante quanto aos processos cirúrgicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as lesões na região da pelve em cães são relativamente comuns e, quando o trauma afeta os tecidos intestinais, pode resultar em um quadro de megacólon. A avaliação clínica, o histórico do animal, os exames de sangue e as radiografias desempenharam um papel fundamental na formulação do diagnóstico deste caso. Apesar do caso relatado não apresentar um desfecho, fica claro a associação do trauma pélvico com a exacerbação do quadro de megacólon, relativizando a influência de ambos na alteração clínica do animal. É fundamental ressaltar que para auxiliar os ortopedistas veterinários na escolha do tratamento mais apropriado para cada animal, é necessário possuir conhecimento sobre os ossos que são mais frequentemente fraturados, o perfil dos animais atendidos com regularidade e os métodos amplamente utilizados na consolidação de fraturas³. Isso permite a aplicação do tratamento terapêutico mais adequado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. KEMPER, Bernardo et. al. **Consequência do trauma pélvico em cães**. Ciência Animal Brasileira/ Brazilian Animal Science, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 311–321, 2011.
2. SILVA, Renata Bernabé, **Megacólon secundário à estenose de pelve em felinos** - revisão de literatura, 2017. 49 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária - Universidade de Brasília. Brasília - DF, 2017.
3. NOBRE, Adailton Pereira. **Fraturas da pelve em cães e gatos** - revisão de literatura. 2009. 34p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária, Centro de Saúde e Tecnologia Rural - Universidade Federal de Campina Grande. Patos - PB, 2009.
4. KEMPER, Bernardo, **Trauma pélvico em cães: tratamento clínico e cirúrgico**. 2008. 55p. Dissertação de Mestrado em Ciência Veterinária, Departamento de Medicina Veterinária - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife - PE, 2008.
5. HAMONY, Amanda Melo, **Estudo de técnicas empregadas na osteossíntese de fraturas pélvicas de cães (Canis lupus familiaris) referidas na literatura**. 2021. 51 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária, Campus Universitário de Belém - Universidade Federal Rural Da Amazônia, Belém - PA, 2021.
6. CHITOLINA, Thalia. et al. **Fraturas apendiculares em cães e gatos: casuística**. Ciência Animal, v. 32, n. 1, p. 45–54, 2022.
7. TÔRRES, Renato Cesar Sacchetto et. al. **Radiologia dos ossos e articulações de cães e gatos**, Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia, 2019 nº 93, 70 p. FEPMVZ Editora, Escola de Veterinária da UFMG e Conselho Regional de Medicina Veterinária e Zootecnia de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 2019.
8. NASCIMENTO, Rummenigge José de Oliveira. **Hemipelvectomy para tratamento de obstipação e megacólon em gato com estenose do canal pélvico** - Relato de caso. 2021. 62 p. Trabalho de conclusão de residência em área profissional de saúde em medicina veterinária, Departamento de Medicina Veterinária - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife - PE, 2021.

APOIO:



Escola de Veterinária
UFMG

U F M G

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS